

EXCLUSIVO ENTREVISTA

# Osvaldo d'Abreu, um homem “que reúne todas as condições” para ser primeiro-ministro de São Tomé e Príncipe

Acaba de editar em livro a tese de doutoramento sobre *Petróleo em São Tomé e Príncipe*, enquanto aguarda a hora de chegar à liderança do MLSTP-PSD e de disputar a chefia do Governo santomense.


António Rodrigues (Texto) e Daniel Rocha (Fotografia)

1 de Novembro de 2024, 18:00



“A nossa política interna fraccionária mata as intenções que outros possam ter de investimento [em São Tomé e Príncipe]”, diz Osvaldo d'Abreu DANIEL ROCHA/PUBLICO DROCHA@PUBLICO.PT +351 919300919

Osvaldo Cravid Viegas d'Abreu é um homem com “uma missão”. Desde que o jovem órfão criado pela bisavó Chibila, mulher severa, mas construtora de carácter e de marcas duradouras, foi com 13 anos para Cuba, integrado no grupo de 62 crianças que o

Governo de São Tomé e Príncipe enviou para estudar na ilha das Caraíbas, que o ex-ministro das Obras Públicas, Infra-Estruturas, Recursos Naturais e Ambiente santomense (em dois governos) se dedica aos estudos e ao trabalho com a missão de não esmorecer perante as dificuldades, de manter o optimismo apesar do clima adverso, de responder aos desafios com labor. 

É um dos homens que mais percebem de petróleo em São Tomé e Príncipe, a nível técnico (pesquisa *offshore*, tratamentos de dados e mapeamento sísmico e geológico), mas também a nível de gestão de negócios petrolíferos e de negociação de contratos. Pioneiro do país nesta área, foi um dos fundadores da Agência Nacional de Petróleo, da qual foi director técnico entre 2004 e 2008. Trabalhou e estudou na Noruega, nos Estados Unidos e editou agora em livro (Rosa de Porcelana) a sua tese de doutoramento em Desenvolvimento Socioeconómico pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP), que recentemente apresentou em Lisboa.

*Petróleo em S. Tomé e Príncipe - Os Efeitos das Expectativas Geradas nos Agentes Económicos* não só dá conta da evolução do processo petrolífero no país, contextualizando as descobertas com a questão de ser um pequeno Estado insular, analisando também o tema na perspectiva da doença holandesa ou a maldição dos recursos naturais. O lado mais importante será o das expectativas dos agentes económicos, da forma como, sem ter ainda uma descoberta comercial importante, ao fim de todos estes anos, a possibilidade dessa riqueza foi moldando os investimentos dos agentes económicos e teve impacto na capacitação dos santomenses.

Aos 52 anos, o homem que aprendeu a calar o racismo nos bancos da escola secundária em Cuba, sendo melhor do que os que vinham dos colégios de elite, passando pela licenciatura em Engenharia Química e o mestrado em Energia Térmica, não esconde as suas ambições. A sua formação pode ser técnica, mas está longe de ser um tecnocrata.

Deputado do Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe/Partido Social Democrata (MLSTP-PSD), o antigo partido único, actualmente na oposição, Osvaldo d'Abreu preferiu resguardar-se por agora politicamente, mantendo vivas as suas ambições, de chegar à liderança do partido e de um dia ser primeiro-ministro. Este livro também se enquadra nesse caminho.

**A tese de doutoramento que resulta neste livro responde a um dever moral ou a esse sentido de missão que assumiu como seu?**

As duas coisas. Tive a oportunidade de acompanhar todo o processo desde o seu início,

de viver os períodos de altos e baixos, e conhecendo a confusão que se foi gerando pela nossa inabilidade de informar e de comunicar com o público, no geral, surgiu esta necessidade de partilhar estes conhecimentos.

**Qual é o público que pretende atingir com este livro? É o público decisor em São Tomé e Príncipe? E até que ponto é que um livro técnico como este pode contribuir para mudar a mentalidade em relação ao petróleo?**

Fomos muito cuidadosos para não sermos demasiado tecnicistas, por isso, o público-alvo é a sociedade. Naturalmente que podemos incluir os governantes e, mais especificamente, os agentes económicos, nacionais e internacionais. Porque acreditamos que, através deles, podemos atingir mais alvos e podemos atingir a economia em si. Conduzimos uma série de entrevistas, contando com a participação de quase 40 agentes, incluindo institucionais internacionais, onde fomos buscar informações, dados e vivências que nos permitiram ampliar a ideia de partilha. Não é só partilhar aquilo que vivemos, enquanto quadros governantes do processo, e que, de certa forma, queremos contribuir para desmistificar algumas coisas, mas também buscar histórias, factos reais, daqueles que estiveram no terreno com a mão na massa. E acaba por ser, de facto, uma partilha que vai contribuir, acreditamos, para a melhor compreensão de todo processo e a melhor adequação ao mesmo para o futuro.

**Para alguém que dedicou grande parte da sua carreira ao petróleo de São Tomé e Príncipe, não é frustrante que ao fim de 25 anos de grandes investimentos não haja ainda exploração comercial no seu país?**

Para alguém como eu, não é frustrante, porque conheço objectivamente os passos e toda a rede complexa deste processo, mas para qualquer outra pessoa tem sido frustrante. Falamos de muita desilusão; de investimento e desinvestimento; de oportunidades, mas também de dores de cabeça, por, ao cabo de quase 25 anos, não termos uma exploração comercial. É tão simples quanto isto, nós estamos numa zona ultraprofunda, mas começámos a falar do petróleo como se fosse uma dádiva que estava à mão. O erro foi esse.

Temos por hábito comparar-nos com a Nigéria, Angola, Gabão, Guiné Equatorial, países mais ou menos próximos que têm exploração de petróleo, mas eles começaram antes da independência. E esses países começaram a ter trabalhos, pesquisas, resultados palpáveis com coisas simples, tecnologicamente falando: explorações em terra, na costa, em águas rasas, até 200 metros de profundidade. Em São Tomé e Príncipe, começámos o processo a 2500 metros, mas estamos a falar de 2500 a 4000 metros, ou um bocado mais, na zona a sul da ilha de São Tomé.

E a verdade é que, neste momento, temos grandes empresas a trabalhar - a Petrobras acabou de assinar há três meses um contrato para se associar aos esforços de pesquisa. E o que nós dizemos é que essas empresas, esses grandes colossos não estão em São Tomé e Príncipe pela beleza das nossas paisagens. Estão a investir e esperam ter o retorno. Apesar do percurso que podemos achar cansativo e desmoralizante, o facto de estas empresas continuarem lá é porque acreditam que aquela zona reúne as condições geológicas, naturais para acumulação de hidrocarbonetos, e nós estamos confiantes de que esta descoberta será feita.

### **O erro esteve, então, na comunicação?**

Acredito que o nosso erro, em termos governamentais, e digo isto com *mea culpa* também, é não termos sabido direccionar devidamente as discussões internas e corrigir, de certa forma, a sensação de frustração. Porque as empresas nunca abandonaram a tentativa de pesquisa em São Tomé e Príncipe - uma das que nos encorajaram muito foi a Galp. Também a Kosmos. Uma portuguesa e uma americana.

Nós temos a vantagem, que chamamos geopolítica, de dar a possibilidade aos investidores de poderem diversificar a área de pesquisa e a área de produção. Porque nada está garantido e a Rússia é um exemplo para a Europa. Temos de encontrar opções de reserva noutras geografias para pôr cobro a possíveis alterações e rupturas no mercado habitual. E este esforço vai continuar, porque é necessário que haja alternativas. E nós somos uma dessas alternativas no quadro do Golfo da Guiné.

### **Há alguma possibilidade de perceber a que distância estamos de ter exploração comercial de petróleo em São Tomé? Ou é impossível?**

Não diria impossível, mas não me atreveria a falar em termos de lapso de tempo, porque, geopoliticamente, as coisas mudam muito. A perspectiva é que a próxima perfuração seja em 2025, mas sabemos que pode acontecer só em 2026. Por exemplo, a perfuração que tivemos em 2022 devia ter acontecido em 2021. Há vários factores que vão mudando, mas tenho por dado que o trabalho das empresas no nosso país é sério, porque envolve muito investimento.

### **Duncan Clark, autor de *Crude Continent: The Struggle for Africa's Oil Prize*, que cita no livro, dizia em 2008 que São Tomé e Príncipe era o novo *hotspot* do petróleo. Novo já não é, mas continua a ser um *hotspot*?**

Continua a ser um *hotspot*, o que perdemos, de certa forma, é algum holofote. Mas a culpa é nossa. Porque um país como São Tomé e Príncipe, pela sua dimensão, deve fazer uma política muito mais interventiva em termos de namoro internacional, de investimento, e uma cultura interna de união, uniforme, em termos de diálogo com os

Estados. E isto, desgraçadamente, devo confessar, não tem sido feito. A nossa política interna, fraccionária, partidária, mata, muitas vezes, as intenções que outros possam ter de olhar para nós como local de investimento.

**Num país pobre e com escassos recursos como é São Tomé e Príncipe, essa perspectiva de enriquecimento através do petróleo tomou conta do imaginário, como escreve Rafael Branco no prefácio. O país está pior hoje por causa dessas expectativas tão altas?**

O país não está pior, acredito que o país está muito melhor. E está muito melhor por causa das expectativas que se geraram. Foram surgindo outros problemas que talvez surgissem num lapso de tempo diferente. Entretanto, a chamada de atenção é real: não é só por falta de dinheiro que temos as dificuldades que temos. É por falta de coerência política. Não tem a ver com mentalidade, não tem a ver com dinheiro, tem a ver com a forma de fazer as coisas, a forma de governação do dia-a-dia, que não está a ser feita de forma correcta.

## **O risco de perder população activa**

**O professor Aires Bruzaca, antigo reitor da Universidade de São Tomé, diz num artigo que cerca de um quarto da população activa do país deixou São Tomé e Príncipe em 2023. Um país pode estar bem quando perde um quarto da sua mão-de-obra num ano?**

É um risco elevado para um país pequeno como o nosso perder população activa desta maneira, porque põe em causa todo o futuro. Não se faz país sem gente. E gente que trabalha e gente com algum *know-how*. Mas acredito que se consegue dar a volta. Tal como saíram, regressam; se forem dados sinais visíveis de que as coisas vão mudar, mais de metade dessas pessoas regressará em curto espaço de tempo.

E há possibilidade de aproveitar esta saída. As pessoas quando saem têm ganhos, em termos de *know-how*, de conhecimento do mundo, académicos, profissionais, financeiros, e não só. Ao regressarem, contribuem para remodelar a sociedade, que uma sociedade insular como a nossa precisa dessas idas e vindas de pessoas.

É um grande risco, é verdade. É mau o que está a acontecer, mas não o consideraria um desastre ou uma catástrofe. É a vontade dos políticos, dos governantes, que tem de mudar. Temos de fazer um esforço para que isto mude. Acho que ninguém quer uma explosão social em São Tomé e Príncipe. Não é bom para ninguém.

## **Estará o país a sofrer da doença holandesa antes mesmo de explorar os recursos internos?**

Não necessariamente. A doença holandesa é um sintoma muito bem caracterizado do ponto de vista económico, e nós não temos sinais visíveis em termos de investimentos internos, de perda de valor dos produtos locais, não existe oscilação no valor da moeda local, muito pela hábil intervenção dos governantes santomenses e portugueses quando fizeram o *attachment* entre a dobra e o euro, através do Banco de Portugal. A doença holandesa tem a ver com essas coisas...

## **Mas também tem a ver com o capital humano...**

Do lado do capital humano, sim, há o risco de termos os efeitos da doença holandesa. Mas o capital humano que, eventualmente, esteja fora do sistema não está tão distante. Nós temos um *know-how* acumulado na nossa diáspora em Portugal e na Inglaterra - que é hoje a segunda maior concentração da diáspora santomense -, aplicando uma política a curto e médio prazo de ir buscar os outros, para depois, a longo prazo, estabilizar internamente com a educação ou com a formação, poderemos virar isto.

"A nossa política interna fraccionária mata as intenções que outros possam ter de investimento [em São Tomé e Príncipe]"

Esta chamada de atenção do livro é importante e eu pretendo continuar a fazê-la com outras intervenções, no sentido de nós, os fazedores da política, os governantes, as instituições, lhe darmos atenção e começarmos a pensar no país do amanhã de forma diferente.

**Acha que com o sistema político que existe, com essa luta partidária quase fratricida entre o MLSTP e a ADI, de Patrice Trovoada, actualmente no poder, há possibilidade de mudança?**

Esta é a grande questão. Temos os mesmos sinais de quando a questão do petróleo começou, toda a acção político-partidária era conduzida no sentido de que iria haver muito dinheiro, inclusivamente bónus ou subsídios para as pessoas não trabalharem. Isso levou ao abandono prematuro das roças entre finais de 1990 e princípio dos 2000. As pessoas vieram para a cidade e agora andam a vender chinelos ou outras coisas na rua.

Agora, quando houver actividade comercial produtiva e com o fluxo financeiro que se espera, tenho algumas dúvidas de que a classe política actual saiba lidar com esta questão. E não do ponto de vista de gastar muito dinheiro, que a lei é muito rígida nesse sentido. O que, sim, é possível que aconteça é a má gestão. Porque se não existe consenso, se não existe habilidade para usar pouco dinheiro, não acredito que haja quando tivermos mais recursos. Temos dado provas sucessivas de não sabermos usar o pouco que temos.

Mas acredito na sociedade civil não partidária, que é muito activa e que no princípio deste processo, quando não havia lei, não havia instituições e as pessoas agiam como donas daquilo tudo, entrou numa discussão dura e obrigou a classe política governante a agir de forma diferente, a ter uma atitude mais institucional, pressionando-a para uma gestão diferente. Hoje a massa crítica é muito maior, mesmo não estando activa, nem estando em São Tomé, mas existe, espalhada pelo mundo.

**Continua a acreditar no petróleo como um factor de desenvolvimento económico de São Tomé Príncipe, mas os pressupostos necessários para que isso aconteça, e de que fala no livro, implicam um consenso nas classes dirigentes e uma mudança na sua forma de agir que não parece muito coadunável com o seu comportamento até aqui. Não está a acreditar numa ilusão?**

Eu vivo da ilusão e da realidade, porque isto terá de acontecer. Ou desaparecemos como Estado razoavelmente formal ou teremos de mudar o curso das coisas. Temos tido acções muito negativas em termos de entendimento interno e não temos dado sinais de

aproximação. Por outro lado, as coisas não poderão continuar como estão ou a piorar ainda mais, terá de chegar o momento, e não será muito distante, em que teremos de mudar este paradigma interno.

Por outro lado, não é que eu acredite que seja o petróleo o elemento que nos vai ajudar a mudar o aspecto económico de São Tomé e Príncipe. Temos de ter capacidade para atrair investimentos, numa perspectiva de pequeno Estado insular, que é extremamente complexa e difícil. Claro que fica mais facilitada quando se tem um recurso, uma dádiva natural. Neste momento, o que temos são as expectativas, e acredito que essas podem continuar a ser hoje o que foram em 2003/2004. Além disso, podemos aproveitar melhor quem já lá está a investir e serem eles os nossos embaixadores.

É disto que eu falo quando falo em petróleo, no pacote todo e não do jorrar do fluxo comercial deste hidrocarboneto. Mas, tal como diz, parece um paradoxo, porque isto só é possível com um entendimento, mas esse entendimento terá de acontecer, a não ser que os governantes santomenses queiram enfrentar uma convulsão social desastrosa.

## **Grandes ambições**

**Foi ministro durante seis anos, mas é sobretudo um técnico, tem outras ambições políticas?**

Neste momento estou mais virado para a parte técnica, com consultorias, para a parte académica, com partilha de conhecimentos, sem me afastar completamente da parte política. Continuo a dar as minhas contribuições do ponto de vista político, mas para mim é tempo de recuar e reflectir e deixar o espaço para outras intervenções.

Porque é mesmo assim, nunca podemos pensar que somos os sabedores. Independentemente de termos algumas ideias ou a pretensão de que aquilo que queremos, sabemos, visionamos é o melhor, é preciso que isso seja aceite. Não podemos, de maneira nenhuma, tentar impor vontades do ponto de vista político quando não existe ambiente propício para tal. Porque esta imposição só traz fricções e desentendimentos. Coisas que a médio e longo prazo dão em retrocesso.

Foi isto que vivi nos últimos tempos, mesmo internamente ao nível do partido [MLSTP-PSD], com demasiada fricção interna. Mesmo acreditando que os grupos internos estão errados, mas tendo em conta a forma como funciona a política interna, preferi não ir à luta para não ser mais prejudicado. Acabei por recuar, não afastar-me, mas recuar. Fomos a eleições - eu não me apresentei - e dissemos que, se perdêssemos, não iríamos ser uma fonte interna de retrocesso. Portanto, vou estar ali, a dar a minha contribuição, ao meu partido e ao meu país.

**Mas abdicou de vez das ambições políticas ou só por agora?**

Abdiquei por agora.

**Tem vontade de ser primeiro-ministro?**

Não diria vontade de ser primeiro-ministro, tenho vontade de dar a minha contribuição a vários níveis...

**Está a ser político nessa resposta...**

Acredito que reúno as condições, técnicas, políticas, profissionais, de contactos internacionais, ao nosso nível e não só, para poder exercer funções muito mais elevadas do que as que já exerci e ter uma contribuição muito positiva. Mas, como disse, essas ambições têm de ser cumpridas no momento em que haja condições e aspectos variáveis que concorram para o seu sucesso. Não vale a pena correremos atrás de certas situações quando o ambiente e o momento são completamente inapropriados. Particularmente, em termos internos do meu partido, achei que este não era o momento para avançar nesta luta.

**E essa paragem será de quanto tempo? Até às próximas eleições?**

Não tem um período temporal definido. Tivemos uma eleição agora, e as eleições são de quatro em quatro anos, portanto, será mais ou menos o tempo em que vamos estar a conviver com a situação e a dar a nossa contribuição, no sentido de podermos ser uma alternativa real, tanto do ponto de vista eleitoral, como de políticas de governação para o bem do nosso país.

**Parece que os dois principais partidos estão confortáveis na manutenção do *statu quo*?**

Essa é uma das características do nosso país, que é boa [risos], mantemos isso como uma dádiva. Conhecemo-nos quase todos, o que é bom e mau, mas não deixa de ser a nossa realidade. O que vai obrigar a que haja áreas de Estado onde terá de haver entendimento, para que as discussões fratricidas não afectem o rumo do país. É para aí que a nossa maturidade democrática nos deve levar nos próximos tempos. Mas, neste momento, existem alguns elementos, nos dois lados, que impossibilitam isto. O problema está ali, não é na massa crítica dos partidos, mas existem individualidades com posições extremamente radicais que, de certa forma, influenciam a que não haja entendimento. Os partidos terão de chamar à razão essas pessoas ou encontrar uma forma de as pôr de lado. Em prol da nação.



"Ou desaparecemos como Estado razoavelmente formal ou teremos de mudar o curso das coisas. Temos tido acções muito negativas em termos de entendimento interno e não temos dado sinais de aproximação"

---

# P

*Abrir portas onde se erguem muros*

---

## Siga-nos

- ✉ Newsletters
- 🔔 Alertas
- f Facebook
- ✕ X
- 📷 Instagram
- in LinkedIn
- 📺 Youtube
- 📡 RSS

## Sobre

- Provedor do Leitor
- Ficha técnica
- Autores
- Contactos
- Estatuto editorial
- Livro de estilo
- Publicidade
- Ajuda

---

## Serviços

- Aplicações
- Loja

## Assinaturas

- Edição impressa
- Jogos

Meteorologia

Imobiliário

Newsletters exclusivas

Estante P

Opinião

Assinar



---

## Informação legal

Principais fluxos financeiros

Estrutura accionista

Regulamento de Comunicação de Infracções

Política para a prevenção da corrupção e infracções conexas

Plano de Prevenção de Riscos de Corrupção

---

Gerir cookies

Ajuda

Termos e condições

Política de privacidade

EMAIL MARKETING POR



@ 2024 PÚBLICO Comunicação Social SA